

A BATA LHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.643

Sexta-feira, 4 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O barracão do Bairro Social de Alcântara que serve de abrigo a inquilinos desalojados não tem condições de higiene nem respeitadas razões de ordem moral

O TIPO UNICO

Parceiro que para arrancar a Moagem que se finge combater, o maior lucro possível. Se a Moagem não ficar satisfeita com o lucro, inventam-se pretextos, arranjam-se razões que justifiquem o restabelecimento de dois ou três tipos de pão—mais caro, é claro—para se tornar a roubar o povo.

Nesta dança e contradição a Moagem enche-se, os lavradores puxam mais alto o custo do trigo e o povo paga, paga sempre, gemendo, murmurando entre dentes—mas paga.

O sr. Joaquim Ribeiro, cujos processos de governo são já bem conhecidos por prejudiciais aos consumidores, vem agora cantar-nos a velha área do tipo único do pão, temos exploração em perspectiva; prepara-se novo assalto às algebras do povo.

Estará este disposto a suportar, sem um protesto, passivamente, mais este desafio? Não se sente ainda bastante escarnejado e roubado pela canalha exploradora?

Seria cobardia demasiada, o silêncio e a indiferença ante o novo roubo descarado que o sr. Joaquim Ribeiro, de braço dado com a Moagem e a Lavoura, está preparando. Basta de cobardias!

CRONICA PARA LAMENTAR

NO CIRCO DE SÃO BENTO

A cavalcada das batatas — Calça hipotecada para penhora — Uma discussão sobre sífilis nacional — Injeções de impostos para salvar o país

As coisas vão ficando cada vez mais complicadas. O espectáculo esteve seriamente ameaçado de se ficar apenas no ar. 31 não fazia conta, por serem os «clowns» para os números das variedades anunciadas «à sensação».

O director olhava tristemente, por uma das janelas da sala, para o velho e semi-abandonado, sentindo presença de que foi a companhia. Por meio de salvaguarda, agora de ponto, ouvindo os ouvidos do Baltazar:

—Mais devagar, que estamos enfiados! E Baltazar ia soando, com longos intervalos, as suas pancadas sem musicalidade, se bem que a sua voz semelhante a cantochão fúnebre por uma sessão arribada. Olhava angustiado para a porta direita, sempre na esperança de ver mais um, e mais outro, viesse aumentar as probabilidades do espectáculo.

Trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis... E o número estava—cessam as pancadas de Baltazar... O director espera uns minutos, sossego é absoluto, como se diz nos comunicados oficiais quando ferve a audácia—e neste caso, ferve apenas a greve conversação dos artistas agrupados no circo.

Subitamente, atrás os ares um abalamento; chegam mais três mentalidades, sorridentes e esbaforidas. —Estão presentes trinta e nove! —diz o director numa voz estridente, plena de triunfo.

As gargalhadas estalam, precipitam-se, até matar quem surdamente sob o fauleis. O contentamento é geral, e o circo, mostram uma fisionomia de agitação, se não é Baltazar que os humilha.

E começa logo a função, que não há tempo a perder, nem mais depois de esperar. Desfilam as borboletas e as danças, desfilam as danças e as borboletas.

Tavares de Carvalho, orador tradicional e consagrado filho do povo, faz «Cavalcada das Batatas». Manifesta o seu desdém pelo desprazo que o gringo do governo lhe vota, dizendo depois, segredo a todos nós, que leu ontem noite o «Diário de Lisboa» e hoje de manhã o «Século». Fala no commissariado abastecimentos para nos dizer que os generos encarecem todos os dias—lecho-se o orador popular.

Espera-se um momento que chegue o grande número. E o Jaime de Sousa, olha o mar de fauleis colado de batatas, que se espasma pelo aural melho até ao penhasco da presidência. Grita às ordens, como se visse diante si o Adamastor, que os pavilhões portugueses na Exposição-Internacional capital do país brasileiro, foram emendados pelo governo no Banco Ultramarino. Depois afirma, alusivamente, que os pavilhões são uma sucata de cano que para nada presta.

Entrondeia um côro desafiado de dentes, ninguém se entendendo. Há canções, esgaras, sons guturais, saltos morcos, corridas de saco, manco de vara, tudo sossega, ante as súplicas insistentes do carrilhão.

O ministro do Comércio equilibra-se no trapézio e grita que os pavilhões não são vendidos, mas apenas empenhados. B. N. U., que com esta operação melindrosa ainda pode ficar Banco e com muita saúde. E conclui que

Moagem que se finge combater, o maior lucro possível. Se a Moagem não ficar satisfeita com o lucro, inventam-se pretextos, arranjam-se razões que justifiquem o restabelecimento de dois ou três tipos de pão—mais caro, é claro—para se tornar a roubar o povo.

Nesta dança e contradição a Moagem enche-se, os lavradores puxam mais alto o custo do trigo e o povo paga, paga sempre, gemendo, murmurando entre dentes—mas paga.

O sr. Joaquim Ribeiro, cujos processos de governo são já bem conhecidos por prejudiciais aos consumidores, vem agora cantar-nos a velha área do tipo único do pão, temos exploração em perspectiva; prepara-se novo assalto às algebras do povo.

Estará este disposto a suportar, sem um protesto, passivamente, mais este desafio? Não se sente ainda bastante escarnejado e roubado pela canalha exploradora?

Seria cobardia demasiada, o silêncio e a indiferença ante o novo roubo descarado que o sr. Joaquim Ribeiro, de braço dado com a Moagem e a Lavoura, está preparando. Basta de cobardias!

O aumento de tarifas

representa um roubo feito ao público e ao pessoal ferroviário

É já hábito afirmar-se que os aumentos de tarifas são efectuados, principalmente, para melhoria de situação dos ferroviários, quando a maior parte das vezes, eles vão mais directamente beneficiar as empresas, prejudicando aqueles que em seguida, gemem sob o desproporcionado aumento—porque tudo é exagerado—nos géneros indispensáveis à vida.

Na penúltima elevação de tarifas—100 %—feita exclusivamente para auxílio do pessoal das Companhias, deixou-se a administração da C. P., dispor de seu talento do produto da mesma, arrecadando nessa altura nos seus cofres, a vários pretextos, quasi metade do resultado da referida percentagem.

Protestaram os ferroviários, provando com algarismos a razão que lhes assistia, mas o próprio ministro, dr. Vaz Guedes, colocou-se abertamente ao lado da Companhia, o que não é para admirar, não querendo atender os mesmos.

Da agitação justíssima da classe, é que a Companhia se serviu para demitir alguns camaradas mais dedicados à organização, dando-lhes origem, e o que se lhe seguiu, à minha desligação do sindicato.

Mentiu-se, pois, dizendo que o aumento era exclusivo para os ferroviários. Estes ficaram ainda tristemente remunerados e acusados pelo público, o que não é justo, quando a realidade é que se lhe seguiu, à minha desligação do sindicato.

Isto passou-se ainda não há muitos meses, uns seis—tendo os ferroviários que caminham, economicamente, sempre atrás de qualquer outra classe, sofrido desde essa data uma mais angustiosa situação que se tem vindo agravando dia a dia.

Pois, agora, a injustiça redobrou. Aumentaram as tarifas 300 0/0 e dá-se ao pessoal quasi a mesma quantia que lhe deram quando foram aumentadas 100 0/0! Meteu-se nos cofres da Companhia, para cima de 60.000 contos por ano, destinando esta importância para o pessoal uns 15.000 contos—que fatura!—com a agravante dos géneros de primeira necessidade, desta vez, serem sobrecarregados com a referida sobretaxa.

Mário CASTELHANO.

Pessoal da Casa Parry & Son

Para tratar de um assunto muito importante e de máxima urgência, que se prende com a situação económica da maioria do pessoal metalúrgico, reúne hoje, às 17 horas, na sede do Sindicato, todo o pessoal das oficinas da Casa Parry & Son.

É conveniente a comparecência de todos os interessados, assim como das camaradas das oficinas e docas na Outra Banda.

NOTAS & COMENTARIOS O problema da habitação

Beneficência

Andaram ontem, pelas ruas, entre a indiferença dos transeantes aquelas meninas que todos os anos se sacrificam a esperar-nos na lapela umas florinhas de trapo e a pedir-nos dinheiro para acudir à miséria que não tem cura enquanto houver pedintes, como essas meninas, que em vez de andarem, envergam vestidos de dentaria e tecidos mais caros que daria a fome a famílias inteiras durante meses seguidos.

Taxas postais

O problema das taxas postais que várias vezes aqui tem sido tratado vai voltar novamente à tela da discussão. O livro português que, a não ser no Brasil, tão poucos mercados possui, em vez de encontrar nas taxas postais um instrumento de expansão, se encontra dificuldade de enfiar. Os livreiros vão tratar do caso, olhando o pelo lado que afecta os seus interesses. Os autores, porém, devem também tratá-lo pelo lado que afecta os seus. O intercâmbio do pensamento humano não deveria encontrar fronteiras e os serviços postais para serem perfeitos e úteis deveriam ser, senão gratuitos, pelo menos quasi gratuitos.

Uma atitude indigna

provoa os protestos dos descarregadores de mar e terra de Almada

O gerente da fábrica de moagens Aliança, ao Caramujo, Manuel José Gomes, tem assumido para com os descarregadores de mar e terra, uma atitude de antipática hostilidade.

Há dias estava para se fazer um embarque de cinzas. O Gomes mandou fazer o embarque por pessoal da casa, ao que se opuseram os descarregadores de mar e terra. Não desarmou o aludido Gomes, que ontem mandou fazer o embarque com grande aparato e o competente auxílio da policia maritima.

Esta, incluindo também o cabo de mar de Cachelas, Magalhães, que é uscio e vazeiro nestas proezas.

A policia maritima cumpre-lhe vigiar o rio e não substituir os descarregadores de mar e terra, como neste caso fez. Ontem, o mesmíssimo Gomes, quer-se servir deste aparato para intimidar os descarregadores, mandando também o pessoal da fabrica fazer uma descarga de cimento, o que não conseguiu.

A hostilidade deste individuo para com os descarregadores pode ainda vir a acarretar-lhe consequências desagradáveis.

Os temporais na Andaluzia

SEVILHA, 3.—Cessaram os temporais na Andaluzia, tendo baixado o nível dos rios. Devido às inundações a maior parte das colheitas estão perdidas.

OS SEM ABRIGO UMA VISITA AO BAIRRO SOCIAL DE ALCANTARA

Um barracão sem condições serve de morada a alguns dos inquilinos desalojados — Economias que são desumanidades — Catorze pessoas dormindo num só compartimento — Se a Câmara Municipal quizesse...

Quando, por todos os lados, se falava—falar é tão fácil!—em acudir aos inquilinos desalojados, por virtude de desabamentos e ameaças de ruína, nós fizemos sentir que era necessário ter em conta as condições em que lhes seria prestado auxílio.

E' que conhecemos a maneira desordenada como muitas coisas se fazem e, recamos que na escolha de abrigo aos inquilinos desalojados se puzessem de parte razões morais e higiénicas. A companhia de alvitres disparatados, que de nenhum modo beneficiariam os que se encontravam sem moradias.

Fomos avisados de que em Alcântara tinha sido cedido a várias pessoas sem abrigo um barracão e que este não tinha as condições requeridas para poder servir de um alojamento, ao menos confortável. Consciosamente deliberámos, não nos referir à informação recebida, sem primeiro, irmos, pessoalmente, constatar a sua veracidade. Foi esse motivo que nos levou ontem a Alcântara, subir a rua do Alvíto e a estalada ladeira que conduz ao antigo Bairro Social de Alcântara cujas obras se resumiam a umas terraplenagens, a extracções de pedra e a um barracão, que foi a única construção feita naquella Bairro Social, serviu para instalação do escritório dos apontadores.

E' nesse barracão que é vasto e pintado de negro que se instalaram alguns dos inquilinos desalojados ali das bandas da rua Maria Pia. Para ali poderem meter maior número de famílias encurraladas em vários compartimentos, fazendo para esses effectos divisões com madeira de pinho. Essas divisões ainda não estavam ontem concluídas, apesar da boa vontade com que os operários da construção civil que lá se encontram, tem empregado na sua conclusão. Examinámos demoradamente as condições em que se lá encontram alguns dos inquilinos que perderam as suas moradias, e francamente o confessamos, ficámos com uma desagradável impressão de tudo aquilo.

Os nossos receios confirmaram-se. Não se atendeu, nem a condições de higiene, nem as razões de ordem moral. Atraram-se para ali criaturas, quasi a troixe-moixe, sem haver o necessário cuidado, nem se terem sequer ordenado em evitar a possibilidade de qualquer incidente desagradável.

Os compartimentos ficaram separados por divisões de pinho que ficam, em relação ao telhado a meia altura. Basta um ligeiríssimo esforço, para que qualquer das pessoas que vão para ali dormir, assista às cenas mais íntimas que em vários daqueles compartimentos se passem. E' um erro e um erro bem grave, que pode acarretar consequências bem deploráveis, a facilidade com que a vida íntima de todos os moradores pode ser presenciada. Descurramos e não fizermos mal.

O desconforto é bem patente. E' desolador. Chegou-se ao extremo de não mandar assoalhar uma parte do barracão! Compreende-se que isso se fez por economia. Mas, essa economia representa uma desumanidade. Disseram-nos que aquelas modificações orçam por 12 mil 300 contos, mas muito mais, tem gasto a Câmara com despesas de representação, banquetes, lunches, músicas e outras fanfarras. Se gastassem um ou dois contos em minorar a desdita de alguns dos que lá se encontram—e bom acentuá-lo—são vítimas da criminosa negligência da Câmara em matéria de fiscalização de propriedades, só se teria procedido bem.

A promiscuidade, naquelle barracão, apresenta casos revoltantes. Para não apontarmos todos, assinalamos dois. Num dos compartimentos, bem exigiu que ele era por sinal, havia nada menos de três camas!

Se a situação dos que ficaram sem moradias é deplorável, a dos que se encontram no barracão do Bairro Social de Alcântara impressiona desagradavelmente os que ainda possuem sensibilidade moral. E a Câmara Municipal acha que todos estes inconvenientes graves que aqui citamos não tem importância? O seu procedimento responderá amplamente à nossa interrogação.

CONFERENCIA FEDERAL DO SERVICIO DE IMPRENSA DE SECRETARIOS GERAIS

A's Federações de Indústria, Sindicatos Nacionais e Isolados

Presados camaradas: Tendo a União dos Sindicatos Operários de Lisboa, por motivos imperiosos, resolvido adiar a data da Conferência Inter-Sindical de Lisboa, para 13 do corrente, data esta que estava indicada para a realização da Conferência federal de secretários gerais, e tendo aquele organismo intercedido junto da comissão organizadora da conferência para que a mesma fosse transferida, a fim de não criar impedimentos à Conferência Inter-Sindical, esta comissão resolveu aquiescer ao desejo manifestado, adiando definitivamente para o próximo dia 27, a conferência de secretários gerais.

A comissão organizadora tem conhecimento de que alguns organismos já possuem os seus trabalhos concluídos para apresentá-los à conferência, no entanto lembra aqueles que os não tenham para que os abreviem o mais rapidamente possível.

A comissão também previne todos os organismos que participam da conferência a necessidade de enviarem à secção de Federações até ao dia 21 do corrente, para tomar conhecimento dum cópia dos trabalhos que irão submeter à apreciação da conferência.

Pela Secção de Federações, Carlos José de Sousa, secretário.

Contra a reacção espanhola

As organizações aderentes, aos simpatizantes de todos os países!

Os repetidos fracassos experimentados ao tentar formar uma frente única com todas as organizações do proletariado organizado, sem distinção de tendência nem de doutrina para a luta contra a reacção, levaram-nos a constatar o nosso isolamento. Nem os homens de Moscú nem os de Amsterdã querem combater ao nosso lado, porque estão obrigados a defender o tirano e os crimes de um sistema determinado de governo com o qual se solidarizam.

Camaradas, trabalhadores de todos os países! Cada região do globo, desde Tóquio a Buenos Aires, desde o México a Roma, desde Lisboa a Moscú, tem as suas próprias tragédias nas fileiras proletárias. Por isso mesmo melhor seria compreendida a dor alheia e a significação da solidariedade.

Se chamamos a uma luta internacional contra a reacção espanhola, não quer dizer que nos interesse salvar os obreiros revolucionários desse país, mas sim aos de qualquer outro, dos martírios que sofrem. Creemos que os esforços concentrados contra a reacção espanhola são ao mesmo tempo esforços contra a reacção em geral. Se conseguirmos abater a reacção num país em que tomou incremento como a que tomou em Espanha, daremos simultaneamente um golpe de morte na reacção internacional.

O proletariado possui no seu seio uma capacidade de sacrificio limitado; todo o cálculo egoísta e estranho quando se dispõe à luta; o panorama de cada país testemunha essa grandeza heroica da alma popular. Acudamos pois ao espirito de sacrificio e à grandeza da alma do povo para a luta contra a reacção.

Se cruzarmos os braços à espera de melhores tempos, fazemos-nos cúmplices da escravidão operária. Se o nosso número é inferior ao dos reformistas, que os nossos factos e a nossa actividade sejam superiores.

Não esperamos nada de quem nada nos pode dar. Contemos com nós mesmos, contemos com as massas trabalhadoras e disporemos de forças suficientes para pôr fim à marcha triunfal da ditadura.

Que o nosso pensamento predominante seja, desde hoje, o mais lúgubre trabalho na luta contra a reacção e seus crimes em Espanha! Obteremos êxito nesta cruzada se dedicarmos a ela o nosso pensamento e a nossa vontade. Propomos os seguintes:

1.º—Começar uma propaganda incessante na imprensa operária contra

CAMPOS LIMA Advogado

OS DESABAMENTOS

A demolição de prédios

A Câmara começou ontem demolindo alguns dos prédios em estado de ruína entre-tes e de Campo de Ourique, à rua Correia Teles, onde se deriva ultimamente um desastre. Na respectiva repartição foram ontem passadas mais licenças para demolição.

Bandos precatórios

Devendo efectuar-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Ferrovário, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 30, 2.º, uma reunião, roga-se a todos os organismos operários, recreativos e de beneficência, o envio de delegados, para definitivamente se assentem na forma como hão de ser constituídos os bandos, e bem assim no seu itinerário.

A todas as colectividades que já deram a sua adesão a esta iniciativa se roga não faltarem a fim de a comissão não ver protelados os seus trabalhos.

A comissão tem recebido mais as seguintes adesões: Sociedade Musical União do Alto do Pina, Sociedade Filarmónica Euterpe de Bemfica, Sociedade Humanitária Cruz de Malta, Grupo Recreio Excursionista União dos Desunidos, Federação Nacional dos Operários de Tanoaria e Anexos, Associação de Classe dos Operários Confeiteiros e Pastelheiros, etc.

A cédula pessoal

Os organismos continuam a manifestar a sua repulsa

A Federação dos Tanoeiros e Anexos dirige-se a todos os organismos aderentes para que repudiem a imposição da cédula pessoal, não se limitando a simples protestos platónicos, mas a reagir com energia em face do cerceamento das mínimas liberdades à custa de titânicos sacrificios alcançados.

O Sindicato dos Operários Corticeiros de Lisboa, na sua última assembleia geral votou um protesto contra a pretendida imposição da cédula pessoal, aconselhando todos os seus associados a não se sujeitarem a tal vexame.

Também o Sindicato dos Manipuladores de Pão votou idêntico protesto.

O Sindicato da Construção Civil de Parede e Arradores, em assembleia geral, lavrou o seu protesto contra a cédula pessoal.

Classes que reclamam

Enfermeiros dos Hospitais Civis

No Parlamento, onde se avistou com vários deputados, esteve ontem uma comissão de enfermeiros dos hospitais civis, que foi reclamar o aumento dos vencimentos da classe, que está lutando com as maiores dificuldades económicas.

Operários da Construção Civil de Almada

Na última assembleia magna do S. U. da Construção Civil de Almada, deliberou-se enviar a todos os mestres de obras particulares, as circulares reclamando aumento de salário.

Essas circulares já foram entregues em 28 de Março com o pedido dum resposta com a brevidade possível para a comissão administrativa do Sindicato.

O pessoal da obra da fábrica de Moagem do Caramujo já foi atendido nas suas reclamações.

Manipuladores de pão

Reúne no domingo, pelas 17 horas, na rua Arco Marquês do Alegrete, 30, 2.ª a assembleia magna da classe, para a comissão de «demarches» dar conta dos seus trabalhos e ser apreciada a falsa resposta dos industriais ao governador civil.

O Sindicato dos Manipuladores de Pão fará sair um manifesto na próxima semana tornando público a manobra como os industriais procuram ludibriar os operários, o povo e até as próprias autoridades.

Operários alfaiates

Reuniu ontem a comissão de melhoramentos que apreciou a forma de dar andamento às resoluções da assembleia magna de 4.ª feira transcrita, resolvendo enviar imediatamente ofícios à Secção dos Industriais de Alfaiataria, Depósito Central de Fardamentos e Cooperativa Militar, contendo as reclamações da classe. Apreciação também o resultado das últimas reuniões dos contra-mestres efectuadas no Sindicato, pelo que as reclamações os abrangem igualmente. Mais resolveu d'hoje em diante conservar-se em sessão permanente.

Acidentes de trabalho

Um negócio dos fiscaes

O Consortium de Accidentes de Trabalho, com sede no Bico do Apóstolo, 7, está adoptando umas medidas que levantarão justos protestos contra si. No que consistem essas medidas? No seguinte: um sinistrado seja qual for o ferimento, terá que permanecer em casa, só tendo licença para receber o curativo, caso contrário deixa de receber os seus vencimentos estipulados pelo Consortium, a que tem direito.

Ora isto, segundo nos informam, dá em resultado os fiscaes auferirem uma parte dos vencimentos dos sinistrados, ficando a outra para o Consortium. Um negócio como tantos outros.

Mas vamos expor um caso e que se tem repetido.

No mês passado o operário taneiro José Martins ferido numa das mãos foi tratado no posto médico do Consortium. Depois de se deitado, perguntaram-lhe a morada e marcaram na papelaria a hora aproximada que levaria até sua casa. Pouco tempo decorrido, resolvendo ir jantar, a uma casa próxima, porque não tem família e reside num quarto alugado, foi procurado por um individuo. Alguém de casa lhe informou que estava faltando. Não esteve com mais massadas e deixou-lhe um bilhete com os seguintes dizeres:

«O fiscal deste Consortium, por não o ter encontrado em casa, dá-lhe isto, por falta do cumprimento das prescrições médicas.» M. Santos.

Este e outros casos foram apreciados pelo Sindicato dos Taneiros que resolveu intervir e fazer a máxima pressão para que os industriais da respectiva industria se desliguem do Consortium, procurando outras companhias onde os direitos dos sinistrados sejam respeitados e não se verifiquem os negócios com os vencimentos dos operários.

SOLIDARIEDADE

Comunica-nos Eduardo de Oliveira, operário estuador, que há bastante tempo se encontra doente, ter recebido a quantia de 408\$00 proveniente de subscrições abertas por intermédio do S. U. da Construção Civil.

Reúne hoje pelas 20.30 horas a comissão organizadora da festa a favor de Américo Augusto Prazeres para distribuição de bilhetes.

a reacção espanhola, que enche as prisões, que tortura, que condena a morte os militantes revolucionários, que suprime a imprensa, que dissolve as organizações, que proíbe o exercício dos direitos mais elementares aos trabalhadores.

2.º—Realizar periodicamente comícios públicos nos quais se divulgarão os crimes da tirania espanhola e se farão aprovar resoluções e telegramas de protesto (dirigido aos representantes do governo espanhol nos países respectivos e ao presidente do Directório de Primo de Rivera, Madrid).

3.º—Dar publicidade aos protestos aprovados.

4.º—Boicotar os produtos espanhóis e o comércio exterior de Espanha com todos os meios de luta ao nosso alcance.

5.º—Considerar co-responsáveis dos crimes da ditadura espanhola as organizações patrióticas espanholas no estrangeiro e as grandes firmas comerciais espanholas.

6.º—Aproveitar toda a ocasião de reuniões populares para incitar o povo laborioso de todos os países a manifestar a sua solidariedade com as vítimas do terror governamental em Espanha.

7.º—Recolher fundos para os presos espanhóis.

Camaradas! Trabalhadores de todo o mundo! Se não vos esquecerdes que o exercício da solidariedade é a arma mais poderosa na nossa luta contra a tirania.

Guerra à tirania!

O bureau administrativo da A. I. T.

AS GREVES CONFERENCIA ANARQUISTA

Marceneiros da casa Camilo

Para apreciar a «demarche» realizada pela comissão de melhoramentos, reuniu ontem o pessoal em greve, o qual, tomando conhecimento que o industrial se mantém na mesma atitude renitente de não satisfazer integralmente a reclamação, resolveu manter-se em greve, defendendo assim o seu espírito de honestidade de operários conscientes e a moral deste sindicato, afirmada em todas as suas lutas.

Os grevistas mais uma vez afirmaram o seu espírito de solidariedade, marcando assim o seu traço de união com o pessoal de outras oficinas que tem as suas reclamações em trânsito, apontando como principal culpado no caso de não serem os operários das outras oficinas atendidas na sua reclamação o industrial Camilo & Filho, pois que um dos industriais a quem foi feita reclamação declarou atender no caso que o sr. Camilo é o que os grevistas reclamam.

Os grevistas no entanto resolveram aguardar até ao fim da semana que o referido industrial lhes dê uma satisfação às suas reclamações.

LEITURA COMENTADA

Realizou-se ontem, no Núcleo Juvenil Sindicalista de Lisboa, o anúncio do serão de leitura comentada do livro de Ferdinand de Lanoye «O homem selvagem».

Foi analisado o paralelo existente entre a primitividade selvática do homem de ontem e a «civilização» ferida do homem de nossos dias que, como aqueles, decaem ao nível dos animais inferiores pela violência das suas paixões e dos seus preconceitos.

Mostramos Lanoye, na sua interessante obra, como a Humanidade, ainda no período da sua selvática infância não era estranha a nada do que constitui tendência progressiva e que no fundo de seus corações tinham já o germen dos sentimentos delicados e cavalheirescos—mesmo até da alta poesia—o que fragmentemente contrasta com o tigrino sentimento de muitos «civilizados» de nossos dias—no rude contacto com a Terra impiedosa, perdeu o homem primitivo o livre arbítrio e fatalmente deitam cruéis provas não lograram mais que o desenvolvimento do instinto pessoal à custa dos germes dos instintos generosos. Daí o abuso da força em todo o seu odioso; a opressão do fraco até à escravidão; a exploração tirânica da mulher e a sua degradação até à bestialidade; a vingança e a crueldade eretas em virtude.

Eis uma página bem cruel da imensa odiosidade da Humanidade primitiva que, sem embargo o transcorrer de milhares de gerações parece errancada à «civilização luminosa» do XX século!

Mudanças de sede

Federação Operaria do Rio de Janeiro

Comunica-nos a Federação Operaria do Rio de Janeiro ter mudado a sua sede para a Praça da República, n.º 42, 3.º, para onde deve ser enviada toda a correspondência.

Aquele organismo pede a publicação desta nota em todos os jornais proletários.

Encadeinadores e Anexos de Lisboa

A comissão administrativa deste sindicato comunica a todos os componentes da classe, bem como a toda a restante organização operária, a mudança da sede social, que actualmente fica instalada na Travessa do Oleiro, 13.

Pró-Bento da Cruz

O Grupo Libertário «Os Solidários» do Porto, promotor do sorteio em favor do falecido camarada Bento da Cruz, e reunião deliberou redobrar de actividade na passagem dos bilhetes para a cidade rila e apela para todos os operários que deem passagem a seu cargo e bem assim aos organismos para que seja prestada a solidariedade como até aqui, aos queridos filhinhos e campaneiras.

«Dever de todos os trabalhadores, auxiliar a alimentação e educação dos filhos daquele desditoso camarada.

—A comissão de solidariedade pró-Bento da Cruz, reúne hoje pelas 21 horas.

MUNIÇÕES

Ainda o aniversário de «A Batalha»

Temos continuado a receber donativos que vários amigos vão dispensando em favor de «A Batalha».

Temos pois a registar mais as importâncias seguintes:

Contribuintes: Francisco Pacheco Lino, 25\$00; Manuel F. de Castro, 25\$00; Carlos Gutierrez, 25\$00; Machado, 25\$00; Januário C. Sabino, 5\$00; Artur do Carmo, 5\$00; António José Mendes, 5\$00; Adolfo Duarte, 5\$00.

Associação da Construção Civil de Cascais, 10\$00; António Maria Rodrigues—Famalicão, 10\$00; José António da Venda—Serpa, 4\$45; Manuel Assunção Correia—Lisboa, 1\$00; Aníbal Rosado—Bombril, 3\$40; António Alberto dos Santos, 10\$00; Inácio Marques, 2 cotas, 2\$40; Quete num jantar do grupo «A Malandragem» 12\$00; Blauqui Pinto, 10\$00; Joaquim Delgado, 7\$65; Quete em New Bedford pelo grupo «Os Sem Pátria», 41\$70; Eduardo Guerra N. S. A., 8\$00.

António Correia, 1\$00; José Félix, 2\$50; Tiers, 5\$00; António Tavares, 5\$00; João V. Cordeiro, 5\$00; J. Neves Costa, 5\$00; António F. de Castro, 2\$00; António F. de Castro Júnior, 2\$50; Carlos Guilherme, 5\$00; Baptista Monteiro, 2\$50; David A. Correia, 2\$50; A. J., 5\$00; Francisco José, 1\$00; António Inácio, 1\$00; J. Fragoso, 1\$00; Américo Carlos, 1, 2\$00; António Barros, 5\$00.

CONFERENCIA ANARQUISTA

A conferência anarquista da região central portuguesa realiza-se em meados deste mês, não estando, porém, ainda fixado ao certo o dia.

A comissão de iniciativa recebe até ao dia 7, imperitvel, as adesões das camaradas retardatárias que se queiram apresentar.

Findo este prazo remeter-se-ão aos aderentes as seguintes teses: Organização Regional—Federação e Grupos, por J. P. de Matos; «A questão agrária», pelo Grupo Univero, de Évora; «Propaganda anarquista», por J. P. de Matos; «Os anarquistas perante os partidos políticos e a Revolução», por David de Carvalho; «Acção económica dos anarquistas», por Francisco Quintal; «Acção dos anarquistas nos sindicatos», pelo grupo «O Semeador», de Lisboa; «Apresentação dos trabalhos nos congressos anarquistas», por F. de Almeida Marques; «Relações dos anarquistas da região portuguesa com os anarquistas de outras regiões», pela Comissão de Iniciativa.

Além disto a comissão apresentará um Parecer sobre a maneira prática de desenvolver a solidariedade a todas as vítimas do capital e dos governos, presos ou perseguidos, de comum acordo com os organismos sindicais.

Os aderentes deverão apresentar credenciais dos organismos a que pertencem.

Além disto, terão entrada para assistir aos trabalhos os camaradas que forem munidos de cartão pessoal que a comissão mandou fazer e distribuirá de domingo, 13, em diante, aos camaradas que lhes pedirem.

Só a comissão pode forçar estes cartões.

Pede-se aos grupos aderentes que enviem imediatamente nota do número de componentes que vão à conferência, assim como se espera por comunicação de grupos de outras regiões que foram convidados, sobre se vem ou não.

Toda a correspondência para: A. Costa Ramos, rua 4 de Infancia, 62, 2.ª, Lisboa.

«Correio da Manhã»

Reúne hoje pelas 15 horas, na sede do sindicato profissional, todo o pessoal que constituía o antigo quadro tipográfico do jornal «Correio da Manhã».

Que nenhum componente falte.

A COMISSÃO.

Caminhos de Ferro do Estado

Concurso para o provimento de lugares de engenheiros auxiliares praticantes

A Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, pede-nos a publicação do seguinte:

Tendo saído com inexactidão a publicação do anúncio datado de 25 do corrente, faz-se público de que a condição 6.ª a satisfazer para a admissão ao referido concurso, deve ler-se como segue: «Ser diplomado com o curso de engenharia auxiliar por qualquer das Escolas do país, da respectiva especialidade.»

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Guimarães.—O original será publicado no próximo número do Construtor.

Sindicato de Parêdes.—Chamamos a vossa atenção para o officio n.º 1954.

Associação de Vila Franca de Xira.—Quando é que se realiza a sessão de propaganda? Aguardamos as vossas ordens.

MOBILIARIA

Sindicato do Porto.—Segue officio e recibos.

Sindicato de Braga.—Recebemos officio e vale; vamos enviar o recibo.

Sindicato de Guimarães e Coimbra.—Agradecemos officios.

METALURGICA

Abrentes.—Recebemos officio e vale; vamos proceder à publicação.

Vila Real de Santo António.—Recebemos officio. Vejam se mudam de opinião; enviamos officio.

Sindicato de Setúbal.—Recebemos officio, congratulamo-nos com o exito obtido; vamos enviar o que pedem. Enviem com urgência nome de delegados e cota de adesão.

Vieira de Leiria.—Recebemos officio; vamos mandar imprimir as propostas; é muito urgente responderem ao nosso officio de 29-cj indicando nomes de delegados.

MATERIAL ELÉTRICO

SIMÕES CARMO, Ltd.

12—Largo S. Domingos, 1.

União dos Sindicatos Operários do Porto

Prevenção

A comissão administrativa cessante pretendendo fechar as contas do último exercício para as apresentar à próxima reunião do Conselho Federal, pede-nos todos os camaradas que ainda tenham bilhetes a liquidar, de que o devem fazer até à próxima segunda-feira, inclusive.

Findo este prazo e conforme resolução do Conselho, serão publicados os nomes dos que tal não fizeram e as importâncias que cada um tenha em seu poder.

Porto, 3 de Março de 1924.—Pe.ª comissão, Inácio dos Santos Viza.

APOLO

HOJE, às 9 1/2 da noite

de quadro original de

ESTREIA

Assenção Barbosa e Abreu e Sousa

“Salon” Belas Artes

ampliando a incomparável revista

FRUTO PROIBIDO

COM

LAURA COSTA

Enorme êxito da

Companhia OTELO DE CARVALHO

TEATROS & CINEMAS

Eden Teatro

EVA, de Franz Lehar

pela Companhia italiana

de opereta

Com a representação da opereta de

Franz Lehar «Eva», parece ter terminado a série de espectáculos que a Companhia Italiana Granieri-Marchetti-Tabassi se propunha dar e que afinal não chegou a metade das réditas.

A falta de concorrência do público teria sido porventura, a razão principal que levou a empresa a suspender as representações. A companhia italiana de opereta, não era bem o sabemos, uma companhia de primeira ordem; estava a certa distância disso, embora a sua primeira cantora, Maria Tabassi, pudesse figurar sem favor no elenco de qualquer boa companhia. Mas, com todas as suas deficiências, uma das quais era a falta dum adestrado «par de baile» e a outra o número reduzido dos seus cantores, o que é certo é que, bem pior, muito pior, temos ouvido em Lisboa, com mais aplausos e sobretudo com bastante afluência de público, a verdade diríamos se fossemos a citar certos núcleos operetistas portugueses que se tem organizado nos últimos anos...

Mas, aceticemos os factos como eles se nos apresentam, e digamos o que nos pareceu a interpretação da «Eva». Maria Tabassi que é uma apreciável cantora, portanto, se, como de costume, bem tendo dado bastante mimo à célebre valsa que é o motivo amoroso, da peça.

O tenorino Rafael Vizzani, com o seu agradável fio de voz, andou correctamente na parte de «Octávio» cantando com afinidade o dueto do 2.º acto com «Eva». Tullio Catella no papel de «La Rousse» houve-se com certa intenção dramática. Pareceu-nos logo desde a primeira noite, um artista consciencioso. Regularmente num papel cómico (Dagoberto) Adriano Marchetti. A orquestra muito desconfiada.

Nogueira de BRITO

—A companhia Alves da Cunha vai no domingo, 13 do corrente, ao Club Recreativo de Cascais, dar uma representação. Subirá à scena a peça «As duas causas».

Há grande entusiasmo por este espectáculo.

Recêlames

Hoje voltam a repetir-se no Teatro Nacional a espirotrusa e linda comédia de Lorjô Tavares, «Inglezes...» e o episódio dramático de Carlos Alberto Ferreira, «Irmã Cruz de Guerra», que vai abrir o espectáculo. É um programa verdadeiramente atraente, o da recita de hoje no Nacional, a qual como as anteriores, deve ser concorridíssima.

—Hoje, a revista «Fruto Proibido», o grandioso êxito da companhia Otel de Carvalho, no Apolo, será ampliada com a estreia dum quadro intitulado «Salon Belas Artes», que tem a seguinte distribuição:

«N.º artístico», Elisa Santos; «Gitana do Amor», Adeline Fernandes; «Mari-nha», Carmen Martins; «Paisagem», Filomena Casado; «Andar das almas», Artur Rodrigues; «Canção das Perdidas», Aurélio Ribeiro; «Fado Escrivinha», José Silva; «Pinta Monos», Alfredo Silva.

O novo quadro «Salon Belas Artes» será apresentado com guarda rouspa do costumier Jaime Valverde e tem música de Assenção Barbosa e, sendo a encenação de Otel de Carvalho.

—Mais um magnífico e surpreendente espectáculo se realiza hoje no Coliseu dos Recreios com a grande companhia de circo que ali está trabalhando com grande sucesso e que tem no seu conjunto os mais extraordinários números como os dos célebres peristas Mirandins, o grande ginasta adeo Leopoldo, a admirável troupe chinesa See Hee, as gentis acrobatas saltadoras Irmãs Le-cusson, os magníficos equilibristas olímpicos Morgados e, enfim, todos os outros que compõem a grande companhia que o público aplaude todas as noites com grande entusiasmo.

—Tendo-se mudado o manancial das águas do «Póço do Bispo» para o Trindade, todas as noites é para ali um cortejo de gente que sai desolada do fígado, alegre, satisfeita e feliz.

—Todas as noites, no Avenida, a formidável comédia «Cama, mesa e roupa lavada», na qual, só o Chaby, o sininho, obriga o público a rir permanentemente até chorar.

CARTAZ

S. CARLOS—Não há espectáculo. NACIONAL—A 21—Inglezes... e Irmã Cruz de Guerra.

S. LUIS—A 21—«As Andorinhas». TRINDADE—A 21—«O Póço do Bispo». POLITÉAMA—A 21—A 21—«Fruto Proibido».

APOLO—A 21—«Fruto Proibido». APOLO—A 21—«Cama, Mesa e Roupa Lavada».

EDEN TEATRO—Não há espectáculo. MARIA VITORIA—Não há espectáculo. COLISEU DOS RECREIOS—A 21—«Grande companhia de circo».

GILVICENTE—A 21—«As duas orlas».

OLIMPIA—A 20,30—«Animatôgrafo». ALAO POZ—A 14,30 e 20,30—«Variedades».

CHADO TERRASSE—A 14,30 e 20,30—«Animatôgrafo».

CINE-PAIS (Rua Ferreira Borges)—«Animatôgrafo».

IDEAL (Largo do Animatôgrafo)—«Animatôgrafo».

ROSSIO (Arco Bandeira)—«Animatôgrafo».

CHATELIER (Praça dos Restauradores)—«Animatôgrafo».

CINE ESPERANÇA—«Animatôgrafo».

PROMOTORA (Largo do Calvario)—«Animatôgrafo».

EDICINEMA (Rua do Alentejo)—«Animatôgrafo».

Teatro Nacional

TELEFONE N. 3049

— HOJE —

A encantadora peça de LORJÔ TAVARES

Inglezes...

— Espírito, Arte, delicadesa —

A abrir o espectáculo a linda peça de

CARLOS ALBERTO FERREIRA

Irmã Cruz de Guerra

Dois grandiosos e autênticos êxitos

Vida Sindical

C. G. T.

Secção de federações

Para um assunto de inadiável resolução reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão organizadora da conferência dos secretários gerais.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Reúne hoje as duas sub-comissões, pelas 20 horas.

U. S. O.

Reúne hoje a comissão administrativa pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil

—Comissão administrativa.—Deu despacho ao expediente de vários organismos aderentes, entre os quais officios dos sindicatos de Parêdes, Monção e Braga.

Aprovou o relatório moral financeiro da delegacia a Monção.

Tomou conhecimento de que o sindicato de Montemor-o-Novo, nomeou uma comissão com o objectivo de organizar uma biblioteca para instrução ao operariado local, iniciativa esta que foi tomada na devida consideração.

Por último constou, por correspondência enviada pela Secção Federal do Norte, de estar definitivamente organizado em Viana do Castelo o Sindicato Unico, ao qual deram a sua adesão as várias especialidades componentes da industria.

Corticeiros de Lisboa.—Reuniu a assembleia geral e resolveu, em face da caresta da vida, reclamar dos industriais da área a percentagem de 60 % sobre o salário diário de 8 horas, até ao ordenado de 12\$00, e 40 % sobre o salário diário de 8 horas de 12\$00 para cima.

Protestou contra a condenação, por parte da ditadura de Rivera, de Archêr, El Poeta, maior artista de quem o futuro das artes muito tem a esperar.

Protestou igualmente contra os gauleiros e entidades que os encobrem, pelo desprezo em que tem a população da capital.

Encadeinadores e anexos.—Reuniu ontem a comissão administrativa, tratando assuntos de carácter interno que se prendem com a instalação da nova sede, que noutro local se anuncia.

Resolve ainda comunicar a todos os associados em atraso de cotização, que, por resolução da última assembleia geral, foram truncadas as ditas cotizações, passando a observar-se na integra a letra dos estatutos que se refere ao assunto, do mês de Março em diante.

Esta comissão reúne de novo na próxima segunda-feira pelas 20 horas, na sede, Travessa do Oleiro, 13, para ultimar os seus trabalhos.

Operários do Município.—A comissão de iniciativa, tendo em vista angariar o dinheiro suficiente para fazer circular um manifesto que illicite o público sobre a exploração de que é vítima o operariado municipal, e encontrando-se

MISERIAS SOCIAIS

A militarite e os seus frutos

A rigidez da disciplina aplicada por homens moralmente indisciplinados

Scenário simples de bastidores naturais, com plantas, com um roseiral a lado.

Scenário simples, mas trágico, mas humano, carregado de fardas, giletes, do cinzento dos dolmans militares nos merceiros de guerra, nos treinos de matar o semelhante.

Rufam os tambores e a voz autoritária, cavernosa, roufada, despótica do oficial dá as ordens com uma turcha de irracionais que se posta silenciosa e humilhada diante dos ídolos dos galões de ouro.

Silêncio!

Em nome da lei e da disciplina porque o soldado deve rastejar como os vermes.

As dores daquela massa humana amassada e comprimida não tem direito de exteriorização.

Silêncio e perfilmo-nos religiosamente, porque passamos os homens dos pilões, numa indumentária luxuosa, cuidada, pregada com bonitos e bonitos elásticos.

Marcha de azeite, branca como a cabeça dos velhinhos, fria como o gelo das montanhas. As folhas das plantas dolorosamente retorcidas pela intensidade do lençol de neve estendido durante a noite.

Um campo vasto onde tem lugar os exercícios, soldados de camisola castanho-escuro, uma planta aqui, outra acolá, eis o que fere a nossa retina.

Nos exercícios, uma cara conhecida, um camponês da nossa terra, estruamente forte, sadio, escorreito, feito mercúrio, mais caloso e duro de cavatear a terra e dela arrancarem o pão que nós comemos. Conhecemo-lo, litá-lo e o seu olhar, cumprimentou-nos significativamente.

Mas... talvez o nosso amigo, ao

Vale de Cavalos

Pela instrução

VALE DE CAVALOS, 2.—E' aqui neste casto da margem esquerda do Tejo, onde mais se faz sentir a falta de instrução e onde também os governantes menos tem cuidado dela. Há nesta localidade para cima de duzentas crianças em idade escolar, e só existe uma pequena casa, sem conforto e sem condições higiénicas; a que só por escárnio se chama a casa da escola, onde apenas se poderão albergar umas cinquenta crianças.

A Câmara Municipal, entidade que tinha por obrigação velar até ao máximo pela instrução do povo, só se preocupa com a guarda republicana e com menus, como o de 5 de Outubro, e de outros dias de grande gala nacional. A guarda republicana tem um bom quartel; desde as retretas ao gabinete do seu comandante, é tudo no luxo e pago pela Câmara Municipal, até mesmo a própria luz gasta no quartel.

Para criar um curso nocturno, que bastante falta está fazendo para aqueles que tem de trabalhar de dia para conquistar o negro pão e que à noite podem receber um pouco de instrução, dizem estes trampolinos da política de salheiro que a Câmara não tem dinheiro para pagar a luz!

Falta de assistência

Não é só a falta de instrução que faz revoltar a nossa alma de idealista e de revolucionário; é também a falta de assistência.

Já lá vão cinco anos que esta localidade foi designada do concelho da Chamusca, bastante contra a vontade do povo, e ligada ao concelho de Alpiarça para satisfazer fins políticos.

Pois é este um dos concelhos onde não existe sequer um simples hospital, pelo que temos visto morrer muito por quando doentes, por falta de assistência. Agora ficam sabendo os leitores que a Câmara Municipal do concelho de Alpiarça não tem um hospital para recolher os seus municípios; mas em compensação tem uma cadeia que dá, pelo pomposo nome de cadeia...

Acabe-se com os agentes do crime

Em nome dos seus princípios da moral, chamamos atenção de quem compete para que faça cumprir a lei do sr. Ferreira Simas que manda fechar as tabernas às 21 horas, pois existem aqui tabernas que estão todas a noite abertas e onde se joga desalmadamente, o que representa um verdadeiro crime. E' na taberna, esse agente do crime e da ignorância, onde muitos trabalhadores vão deixar as suas magras fêrras que tanta falta faz para o seu sustento e dos seus filhos. E mais se chama a atenção para o facto de alguns taberneiros se utilizarem de noite das suas adegas para se explorarem mais à vontade a sua torpe exploração sobre os seus frequentadores. Dizem que ali ninguém os pode matar, pois que a adaga não é taberna.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos (custado com as imitações).

Venda nos centros e aos milharões, assim como isqueiros, rodadas, tubos, pipos e tambores, nos melhores preços para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para maço, estanho e chumbo em barra.

Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO

das melhores marcas

CARLOS A. SANTOS

80, Rua do Arsenal, 80 — Lisboa

Aprendiz

de funileiro, com bastante prática. Mercado de Belém, 32

durante muito tempo não deixou ter repouso aos exércitos romanos. Civis, outro patriota gaules, prevalecendo-se das profecias de Velede, uma das nossas druidas, mulher viril e de supremo conselho, digna de valentia e da cordura de nossos avós, sublevará quase toda a Gália, que abalou o poder romano. Mais tarde finalmente, no reinado do imperador Vitellio, um pobre escravo cultivador, como fora nosso avô Guilherm, intitulando-se messias e libertador da Gália, do mesmo modo que Jesus de Nazaré se denominava messias e libertador da Judéa, prosseguiu com um patriótico ardor a obra de libertação começada pelo chefe dos *cel rales*, e continuada por *Sacrovir, Vindex, Civilis*, e tantos outros heróis. Este escravo lavrador, chamado Marik, de idade de vinte e cinco anos apenas, robusto, inteligente e de uma heroica bravura, estava filiado na sociedade dos *Filhos do Visco*; os nossos druidas venerandos, sempre perseguidos, tinham percorrido a Gália para excitar os tímidos, acalmar os impacientes, e prevenir cada um do termo fixo para a sublevação. Ela rebentou: Marik, à frente de dez mil escravos, aldeões como ele, armados de forcados e de foices roçadeiras, ataca junto dos muros de Lyão as tropas romanas de Vitellio. Esta primeira tentativa aborta; os insurgentes são quase inteiramente derrotados pelo exército romano, três vezes superior em número; mas longe de abater os insurgentes gauleses, esta derrota exalta-os; populações inteiras se sublevarão à voz dos druidas pregando a guerra santa; os combatentes parecem sair da terra, e Marik vê-se bem depressa à testa de um numeroso exército.

Dotado pelos deuses de génio militar, introduz a disciplina nas suas tropas, anima-as, inspira-lhes uma cega confiança, marcha para as margens do Reno, onde acampava, protegida pelos seus entrincheiramentos, a reserva do exército romano, ataca-a, vence-a, e obriga legiões inteiras, que faz prisioneiras, a trocar as suas bandeiras pelo nosso antigo galo gaulês. Estas legiões romanas, que quase se podiam chamar nossas compatriotas, pela sua longa residência

no país, arrastadas pelo ascendente militar de Marik, reúnem-se a ele, combatem as novas coortes romanas vindas da Itália, e dispersam-nas ou aniquilam-nas. A hora da libertação da Gália lá soar... Marik cai em poder do imperador Vespasiano, em resultado de uma infame traição... Este novo herói da Gália, crivado de feridas, é entregue aos animais do circo, como o tinha sido nosso avô Sylvest.

A morte deste mártir da liberdade exaspera as populações; em todos os pontos da Gália rebentam novas insurreições. A palavra de Jesus de Nazaré, proclamando o *escravo igual ao senhor*, começa a ter voga no nosso país, pregada por apóstolos viajantes, e o ódio contra a opressão estrangeira redobra: atacados na Gália por todos os lados, perseguidos até além do Reno por inumeráveis hordas de francos, guerreiros bárbaros, vindos do interior dos bosques do norte, e esperando o momento de cair em seu turno sobre a Gália, os romanos capitulam conosco; recolhemos, finalmente, o fruto de tantos sacrifícios heroicos! O sangue derramado por nossos avós durante três séculos, fecundou a nossa libertação; porque as palavras do canto do chefe dos *cel rales* eram proféticas:

«Corre, corre, sangue do cativo! Cai, cai, orvalho sanguinolento! Cresce, cresce, seara vingadora!...»

Sim, meu filho, essas palavras eram proféticas; porque foi, cantando um tal estribilho, que nossos avós combateram e venceram a opressão estrangeira. Finalmente, Roma restituiu-nos uma parte da nossa independência; formámos legiões gaulesas comandadas pelos nossos oficiais; as nossas províncias são administradas por governadores da nossa escolha. Roma reserva unicamente para si o direito de nomear um *príncipe* nas Gálias, de que ela será suserana; é aceite esta condição enquanto não chega melhor ocasião, e essa não tarda muito. Aterrados pelas continuas revoltas, os tiranos tinham pouco a pouco mitigado os rigores da nossa escravidão; o terror devia alcançar deles o que desumanamente tinham recusado

ao bom direito, à justiça, e à voz suplicante da humanidade; não foi permitido de ali em diante ao senhor, como no tempo do nosso avô Sylvest e de muitos dos seus descendentes, dispor da vida dos escravos como se dispõe da vida de um animal. Mais tarde, a influência do terror aumentando, o senhor não pôde infligir castigos corporais ao escravo, senão munido da autorização de um magistrado. Finalmente, meu filho, a horrível lei romana, que no tempo do nosso avô Sylvest e das sete gerações que o seguiram, declarava os escravos fora da condição da humanidade, dizendo na sua feroz linguagem: *Que o escravo não existia, que não tinha cabeça (non capu thabet)*, segundo a linguagem romana, essa horrível lei, graças ao terror inspiado pelas nossas continuas revoltas, tinha-se a tal ponto modificado, que o código de Justiniano proclamava o seguinte:

«A liberdade é um direito natural; é o direito das gentes que criou a libertação, que é a retrogradação à liberdade natural.»

Ai de mim! é triste, sem dúvida, não ver triunfar os direitos sagrados da humanidade senão no meio de torrentes de sangue e de inumeráveis desastres! Mas a quem se deve amaldiçoar como verdadeiros autores de tantos males? Não é ao opressor: que curva o seu semelhante debaixo de um horrível cativo; que vive do suor de seus irmãos, que os deprava, que os avilta, que os martiriza, que os mata por capricho ou por crueldade, e que os obriga a reconquistarem violentamente a liberdade que lhes foi roubada? Julgas tu, meu filho, que se a raça gaulesa escravizada se tivesse mostrado tam pacífica, tam tímida, e tam resignada como o nosso pobre avô, *Fergan, o tecelão*, o nosso cativo teria terminado? Não, quando se apela baldadamente para o coração e para a razão do opressor, não resta senão um meio de romper a tirania: A revolta... a revolta enérgica, pertinaz e continua, e cedo ou tarde o bom direito triunfa, como triunfou para nós! Que o sangue

A BATALHA

CASTELO BRANCO

A «Notícias da Beira» afeta a organização operária e os ideais revolucionários

CASTELO BRANCO, 1.—O jornal *Notícias da Beira*, órgão do partido de mocrático cá do burgo, continua na ingloria tarefa de amesquinhar as nossas ideias, continua lançando bilis sobre a organização operária.

Ingrata, vil tarefa esta em que o «bedelho» do *Notícias da Beira* anda envolvido. E' tam feroz a sanha com que combatem a organização operária, e consequentemente os ideais puros do progresso e da emancipação humana, que até deixam de defender-se dos ataques dos monárquicos.

Entre sindicalistas e monárquicos, o *Notícias da Beira* deixa em paz os monárquicos, e combate à «outrance» os que lutam pelo bem da Humanidade, os que se esforçam por implantar no mundo uma nova época em que não haja ricos nem pobres; mendigos nem ladrões; parasitas e esfoameados; nem senhores nem escravos.

O procedimento do *Notícias da Beira* radica mais em nós, a confirmação daquela verdade grande que nos diz que no mundo só duas correntes se batem numa luta sem tréguas: o capital e o trabalho.

Como nós temos dó da vossa ignorância e da vossa mercenária idiologia. E sois vós que vos dizeis partidários das esquerdas... «republicanas» e proclamais a «ordem».

Como não sereis vós partidários dessa ordem republicana que vos garante um viver de nababos?

Vós proclamais a ordem do Amoral da polícia, que fez dela uma corporação odiosa; a ordem do António Maria que num desprezo máximo pela liberdade do povo trabalhador, fez das prisões antros inquisitoriais; vós proclamais a mesma ordem que a guarda republicana, essa paradoxal ordem que não faz diferença da mais acentuada das desordens, essa ordem que vos mesmos adoptais para esmagar, prender e ultrajar os trabalhadores... Que farão!

E osais vós chamar «democratas» e «tolerantes» a vossa república. Sim, em boa verdade ela tem sido demasiadamente tolerante para vós, e tantos «povos» que por aí vegetam; tem sido tolerante para os monárquicos, que em plena república são quem tudo manda; para as toupeiras jesuítas, que minam o país em todos os sentidos, para os conservadores, para os burgueses, tem sido tolerante. Para os trabalhadores, ela tem sido uma intolerância, uma severidade máxima.

O *Notícias da Beira* afirma serem falsas as nossas ideias.

Com que então para vós as nossas ideias são falsas? Calai-vos de todos a máscara. Acabais de vos declarar inimigos do progresso, do aperfeiçoamento moral e social da Humanidade.

Que campanha gloriosa esta em que nós andamos envolvidos, de vos chicharmos aqui do alto desta tribuna sa-

grada que é a imprensa que se não vende. Que gloriosa campanha esta que trouxe ao nosso espírito, ao do operário de Castelo Branco e de Portugal inteiro, a confirmação absoluta de que sois os mais ligados, os mais acurados inimigos da organização operária.

De novo voltais a revelar-nos uma desmedida ignorância em assuntos sociais. De novo confundis sindicalismo com comunismo. Ignorância tamanha já mais se nos revelou em alguém que se diga culto. Havemos de estampar aqui nas colunas de *A Batalha* o diploma da vossa ignorância. Esse diploma escreveste-lo vós mesmo: «Sindicalismo não é comunismo, e a vinga-rem as ideias da Internacional de Berlim, *mutatis mutandis*, sucederia o mesmo que na Rússia».

Aí fica estampado o diploma da vossa ignorância, por nós mesmos escrito. Ai fica para que todo o mundo o conheça, e para que todos leiam nele também a confissão do vosso ódio à organização operária.

Comparar o comunismo com o sindicalismo é o mesmo que comparar um espírito com um grilo.

A comunha é um organismo administrativo, com carácter acentuadamente político, que nós combatemos.

Os sindicatos são organismos de resistência ante as coligações patronais; são agrupamentos de profissionais destinados a defenderem os interesses dos seus associados; a estabelecerem uma íntima ligação material e moral entre todos os trabalhadores duma indústria, e por vezes de diversas indústrias, de modo que nas lutas contra o capital, patrão, oponham os trabalhadores a resistência duma só vontade, duma só desejo, duma só opinião. Os sindicatos são a base da organização social sindicalista, porque uma das suas principais funções, no futuro, será o assegurarem a produção.

A que distância colossal vos encontrais das lutas sociais contemporâneas. Lede, estudei, e para que não possais comparar o sindicalismo com o comunismo russo, bastar-vos-há ler *A Batalha*, de 16 do corrente, e logo nas linhas que encimam o artigo do fundo vos lereis: «Os ditadores russos jogam os ditadores burgueses na representação, etc. etc.»

Lede. Destruí essa ignorância que vos domina. Estamos fartos de vos dizer que combatemos o comunismo russo, imperfeito, político e despótico, quasi como os governos burgueses.

Camaradas, operários de Castelo Branco, chegamos enfim ao ponto que desejávamos atingir.

Arrancamos finalmente a máscara aos donos do *Notícias da Beira*, aos mandões democráticos. Eles próprios se confessaram nossos inimigos.

GREGÓRIO.

Cabeço de Vide

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

CABEÇO DE VIDE, 1.—Realizou-se no sindicato dos trabalhadores rurais desta localidade uma sessão de protesto contra a carestia da vida.

Usaram da palavra Francisco Carreira, Júlio Manuel Madeira e José Simões que atacaram, em termos vibrantes, a desenfreada especulação exercida sobre os géneros alimentícios, impossibilitando, pela excessiva alta do seu preço, aos trabalhadores, adquiri-los.

Foi indignadamente verberado o facto de os lavradores, nesta época de crise de trabalho, terem elevado o preço da farinha em mais de 150 por cento.

Resolveu-se enviar ao ministro da Agricultura fazendo-lhe sentir o roubo cometido pelos lavradores que aumentaram a farinha, mas ainda continuam pagando aos rurais o irrisório salário de 7 escudos.

Foi ainda verberada a medida governamental que institue a cédula pessoal sendo resolvido apelar toda a acção para a C. G. T. exercer no sentido de a repudiar.

60

Vendas Novas

O tempo

VENDAS NOVAS, 1.—Melhorou o tempo, depois de quase um mês de temporal consecutivo com os seus terríveis efeitos. Os campos mostram-nos um espectáculo desolador.

Há searas completamente alagadas e algumas irremediavelmente perdidas, especialmente em terrenos baixos. Há boças abatidas, casas em ruínas, algumas com paredes desabadas, entre elas, uma pertencente ao sr. Artur Nobre, onde estava instalado um estabelecimento de bebidas e mercaria, o qual sofreu enormes prejuízos. Felizmente não há desastres pessoais a lamentar.

61

LIMAS

As melhores são as da

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

União

NA PROVINCIA

E NOS ARREDORES

Póvoa de Santa Iria

A febre de enriquecer

PÓVOA DE SANTA IRIA, 3.—A «Natura Super Onia»! Eis as frases com que as diversas folhinhas e almanaqueiros de diversos autores, depois de nos dizerem coisas fantásticas de mirabolantes farturas, fecham os seus juízo do ano!

Ainda não há muitos anos que se convencionou substituir pela «Natura» a palavra «Deus» desses mensageiros do imprevisível: o futuro, naturalmente devido à mudança das instituições, ou por talvez mais própria e consentânea com as ideias «liberalíssimas» do vigente regime.

Seja como for, não nos preocupamos a analisar a mudança da frase, isto devido a três factores: primeiro, o não ser esse o nosso intuito, porque não nos interessa e por não nos achamos com aptidões para tal.

O certo é que se a «Deus» ou seja com «Natura» esses juízos raramente ou nunca nos sejam julgados!

O leitor amigo, embora contrariado, que nos tenha acompanhado até aqui, decerto que já «adivinhou» também que propósito ou despropósito vem todo este arrazado.

E' que ainda a Terra seguis na marcha vertiginosa do seu movimento de translação para deitar lá a o 1923 da era cristã e já o 1924 nos vai descer, vindo com os seus antecessores — nos tinidos — com os seus «sarcófagos».

E como o novo ano nos fosse apresentado sob ridentes cores de «frituras» agrícolas: os nossos «camponeses» agricultores — do burgo, e promove-nos todos os demais, julgo que não generoso intento de sobreviverem as sérias tentativas impedindo: positiva e propositiva excessos de géneros, quantificaram as suas sementeiras!

Não foi, porém, em trigo, milho, cevada e centeio, ou em outro cereal, o aumento de sementeira se verificou, mas sim nos legumes, num dos de menor necessidade: a ervilha!

Em todas estas «redondezas» — excepto uns falfinos bocados aqui ou ali — apenas se vêem ervilhas, ervilhas e só ervilhas.

Mais uma vez a febre do lucro, a ânsia da exploração se apoderou, com sempre, da besta humana!

Se lhes parece; pois se as primitivas ervilhas tiradas chegaram a vender-se na praça em Lisboa pela bagatela de 65800 a arroba, ou seja a razão de 493,3 cada quilo!

Havia já indivíduo que esperava, só com os lucros desta colheita, ficar sendo Soto Maior ou talvez Morgan!

Porém, para nossa «felicidade», as últimas chuvas, friagens e ventanias, varreu-lhes a testada.

Não costumamos vangloriar-nos com as desgraças alheias, mas se não fossem os nossos, não estaríamos muitos desagrados — como alguns da nossa «ignomínia» que se atiram de cabeça — mas hoje ao trazar estas linhas sentimo-nos satisfeitos com a invernia.

Há já nestes sítios muitos lares onde o pão entra já por esmola, essa aviltante forma de socorro ao semelhante por mais miserável não poder ser a situação pecuniária dos seus coactos ventos.

E' certo que a pretérita invernia, como os outros contratempos, mais se fez sentir sobre o eterno desgraçado — o pobre — que vive o horrível transe de ver os filhos já com fome e sem que ele possa mitigar, mas isso não impede de a tomarmos por benfazeja, de contritório tudo desejaria tentar enriquecer «à la minute» semeando ervilhas!

Julgamos que com esta esmola (o nosso) agricultores refractários um pouco a febre da riqueza repentina, a não ser aqueles mais casmurros que sigam anticamente a disposição dos Juízes do Ano das diversas folhinhas e almanaqueiros de diversos autores a «Natura Super Onia».

62

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodadas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

63

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

64

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

65

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

66

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

67

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

68

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

69

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

70

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

71

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

72

SUCATAS

Compreendem-se por altos preços: bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 16 (junto ao arco pequeno).

73

SUCATAS

